

Pluralidade de sentidos no conto “Famigerado”, de João Guimarães Rosa

Plurality of Senses in the Story “Famigerado”, by João Guimarães Rosa

Autoria: Gustavo Henrique Brant Cordeiro

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9679-3284>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8336778788874233>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.197783>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/197783>

Recebido em: 15/05/2022. Aprovado em: 15/11/2022.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 11, n. 21, ago.-dez., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

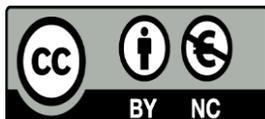
 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

BRANT, Gustavo Henrique. Pluralidade de sentidos no conto “Famigerado”, de João Guimarães Rosa. *Opiniões*, São Paulo, n. 21, pp. 165-183, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.197783>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/197783>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

pluralidade de sentidos no conto “famigerado”, de João Guimarães rosa

Plurality of Senses in the Story “Famigerado”, by João Guimarães Rosa

Gustavo Henrique Brant Cordeiro¹

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.173747>

¹ Gustavo Henrique Brant Cordeiro é bacharel em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: gustavohdtna@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9679-3284> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8336778788874233>

Resumo

Este trabalho trata das potencialidades da linguagem literária e tem por objetivo identificar algumas propriedades da língua que se avivam no interior do texto literário. Para tanto, desenvolve-se uma análise do conto “Famigerado” de João Guimarães Rosa, presente na obra *Primeiras Estórias*. No conto, narra-se a “estória” de uma discussão acerca do significado de uma palavra, “famigerado”, entre um jagunço e um doutor. Como essa palavra é o elemento central da narrativa, observa-se a situação na qual é possível identificar a multiplicidade de significados assumidos por ela. Ao final, a análise permitiu afirmar, seguindo Hansen (2000) e outros teóricos, que a escrita de Rosa explora uma criação “heteróclita”, potencializando os signos linguísticos e gerando, assim, uma pluralidade de sentidos no texto.

Palavras-chave

Literatura. Famigerado. Signo linguístico. Sentidos.

Abstract

This work discusses about the literary language potentiality and has the objective to identify some of language properties that are explored and expanded into the literary text. Therefore, it develops an analysis of the story “Famigerado” written by João Guimarães Rosa, inside the book *Primeiras Estórias*. The story narrates a “estória” in which discusses about the meaning of one word, “famigerado”, it happens between a “jagunço” and a doctor. As this word is the central element of the narrative, there is a situation which it is possible to identify multiplicity of meanings generated by the story. At the end, the analysis allowed to affirm, according to Hansen (2000) and other scholars, the Rosas’ writing explores a “heteroclite” creation, increasing the potential of the linguistic signs and generating a plurality of senses in the text.

Keywords

Literature. Famigerado. Linguistic Sign. Senses

O que é que é a estória?

O conto “Famigerado”,² escrito por João Guimarães Rosa, estrutura-se sob o ponto de vista de um narrador-personagem. Este conta sobre um dia em que se encontrava em casa e que o procuraram em sua porta. Aquele que bateu à porta foi caracterizado, por meio da percepção do narrador roseano, como um bravo sertanejo: “Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um bravo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe” (ROSA, 2018, p. 13). Posto que ele estava em cima de um cavalo, mais três homens, também montados, logo atrás, confirmam essa impressão: “Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo” (idem, p. 13). E a sua fisionomia também: “O cavaleiro esse – o oh-homem-oh com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia” (ibidem) e, finalmente, por portar armas na cintura: “Seria de ver-se: estava em armas – e de armas alimpadas” (idem, p. 14).

Aquele homem, ao recusar o convite para entrar na casa, fez com que as suspeitas do anfitrião, acerca do propósito daquela inesperada visita, aumentassem. O anfitrião então perguntou ao cavaleiro o que ele desejava e este respondeu que não estava doente, nem querendo receita ou consulta. Logo, é possível interpretar que o narrador-personagem poderia ser um médico.

De acordo com o narrador, por algum motivo, o cavaleiro procurava se acalmar e isso podia ser observado em seu modo falar: “Sua voz se espaçava, querendo-se calma” (ibidem). Desceu do cavalo e até tentou sorrir, para, então, se apresentar: “Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueira... Estou vindo da Serra...” (ibidem). Mas o doutor o conhecia, ou melhor, conhecia a sua fama de “homem perigosíssimo” (ibidem).

Na continuidade, o jagunço lhe contou que estava “à revelia” (idem, p. 15) com um moço do governo, mas que não queria problemas com ele, porque esse já estava velho e doente. O doutor continuava a questionar-se sobre o motivo daquela visita. O jagunço Damázio, após sentir que fora direto e evidente demais, começou a dificultar a conversa: “O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São ão, travados assuntos, insequentes, como dificuldade” (ibidem).

Qual teria sido o assunto que o levava até ali? Perguntava-se o médico. Como ação de defesa, o doutor prestava atenção na entonação, nos propósitos e nos silêncios da fala. Até que o jagunço Damázio perguntou-lhe o que é que era uma palavra que ficou em suspense, pois o sertanejo tinha dificuldade de pronunciá-la corretamente. Enquanto isso, o doutor, aflito, especulava que alguém poderia ter inventado que ele próprio dissera algo a respeito de Damázio e este estava ali para tirar satisfação.

Na continuidade da conversa, o jagunço contou que andara muitas léguas para chegar até ali, com a intenção de lhe perguntar sobre tal misteriosa palavra.

² O conto “Famigerado” de João Guimarães Rosa encontra-se na obra *Primeiras Estórias*, 38ª impressão, de 1988. Nesta seção, “O que é que é a estória?”, e nas futuras, todas as citações usadas foram retiradas dessa referência.

Contou que no caminho não tinha ninguém ciente, só gente com informação “torta” que não tinha o “legítimo – o livro que aprende as palavras” (ibidem). Dito isso, perguntou novamente para o doutor o que que era aquilo que tentara anteriormente pronunciar.

O doutor confirmou a palavra: “Famigerado?”. O outro assentiu, repetiu várias vezes e até se envermelhou de raiva. Situação essa que deixou o narrador ainda mais coagido perante o perigo. Por isso, ele procurou entender um pouco mais o que estava acontecendo. Fitou os três cavaleiros montados que acompanhavam o jagunço e este logo explicou: “Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...” (idem p. 16).

O doutor forneceu a definição da palavra, mas o jagunço não entendeu e pediu esclarecimentos: “- Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?” (ibidem). Feita essa pergunta, o anfitrião adicionou: “Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...” (idem, p. 16). Ainda assim, Damázio não entendeu e pediu para simplificar ainda mais.

Tais tentativas de definição e compreensão continuaram, até que entendidas as palavras ditas pelo doutor, o jagunço procurou ter certeza da veracidade delas. Fez o outro garantir o sentido pela “paz das mães” e “mão na escritura” (ibidem). Quando o narrador-doutor obteve a confiança do jagunço e o tranquilizou, este sorriu e mandou os três “compadres” irem embora com a “boa descrição” (ibidem).

Ao final do conto, Damázio aceitou uma água do narrador e elogiou seu conhecimento. Em seguida, retomou um pouco do assunto que o trouxera até ali. Mas depois foi-se embora sem pensar mais naquilo.

O que é que faz o signo ser literário?

O moço do governo nomeou o jagunço Damázio de “famigerado”. Aquele disse: “- ‘Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia...” (idem, p. 15). Pronunciou-se o signo, mas ele não foi suficiente para o entendimento do jagunço, fazia-se indispensável o conceito que complementava a imagem.

FAMIGERADO é um signo linguístico. Como tal, ele “une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2006, p. 80). Com o objetivo de aumentar a compreensão acerca dos signos, Saussure enfatiza o todo do qual essas duas noções fazem parte, mas também aponta a diferença entre elas:

Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total que fazem parte. (idem, p. 81)

A troca de termos feita por Saussure tem o intuito de enfatizar a inter-relação entre os termos: “esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (idem, p. 80). Desse modo, a teoria do signo linguístico passa a não ser vista de forma simplista, já que cada uma das faces complementa a outra.

Já no que diz respeito ao conceito e as singularidades do literário, Culler explica que a literatura é arte que se materializa na linguagem e por meio dela, “é [uma] linguagem que ‘coloca em primeiro plano’ a própria linguagem: torna-a estranha, atira-a em você” (CULLER, 1999, p.35).

A estranheza da linguagem é exposta quando colocada em primeiro plano. Como se pode observar no conto, visto que há toda uma situação de conflito que perpassa a palavra-chave central. Isso acontece porque a literatura explora a relação entre as duas partes que compõem o signo linguístico. Relação essa que não é simples nem linear.

Assim, a escrita literária possibilita que se trabalhe a língua de maneira singular. Hansen diz que a escrita (dispositivo) de Guimarães Rosa

funciona, assim, como coexistência não-pacífica de múltiplas formações imaginárias de diversa e contraditória determinação: heteróclito que também admite a ficção da língua que se falava antes de Babel além da fabulação da língua que unifica a disparidade das línguas. (HANSEN, 2000, p. 21)

Portanto, a escrita roseana pode compreender elementos díspares entre si. Tal dispositivo expõe as diferenças, mas de maneira a exaltá-las, diferentemente de anulá-las. Em “Famigerado”, há vários procedimentos nos quais os signos são postos dentro dessa pluralidade. E um desses procedimentos é a “coexistência de pedaços, [...] [o] uso muito intenso do arcaísmo, do que não mais se diz e é memória que aflora, e do neologismo, do que ainda não se disse e que é dito” (idem, p. 20).

Eis alguns exemplos de arcaísmo e neologismo extraídos do conto em foco (ROSA, 1988): “insolitíssimo” e “sopitados” (idem, p. 13); “farroma”, “farrusca”, “invios” e “grossudo” (idem, p. 14); “celha”, “cabismeditado”, “esguelha”, “insequentes”, “dificultação”, “enigmava”, “invencionice”, “famanasse”, “vexatória” e “transiu-se-me” (idem, p. 15); “transfoi-se-me”, “trizes”, “ínterim”, “indúcias”, “intugidos”, “mumumudos”, “verivérbio”, “viltá”, “doesto”, “desagravava-se” e “desafogaréu” (idem, p. 16); “torvava” (idem p. 17).

Sendo esse conto uma forma breve, essa quantidade de termos o torna bastante marcado pelo uso do arcaísmo e do neologismo. O escritor, ao escolher usar esses recursos, faz com que, além do personagem Damázio, os leitores também se encontrem em uma situação direta com signos estranhos, não familiares. E, assim, durante a leitura, faz-se necessário o uso de um dicionário. Esse procedimento instiga a atenção do leitor, porque ao mesmo tempo em que há palavras conhecidas, também há palavras de pouco uso ou até desconhecidas - inventadas. Desse modo, há uma provocação para que a atenção se intensifique, a fim de romper com a estereotipia das palavras, revelando as várias possibilidades

que as envolvem: “pois é na junção do passado e do futuro que o narrador inventa para si uma unidade de um presente da duração” (HANSEN, 2000, p. 126).

Além disso, há outra coexistência de pedaços. Cada um dos personagens possui diferentes traços linguísticos. O jagunço apresenta uma fala popular do interior do sertão mineiro: “- ‘Eu vim perguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...’” (ROSA, 1988, p. 14). E esse falar, que Rosa incorpora, é pouco presente na escrita, inclusive na literária. Do outro lado, o narrador utiliza uma linguagem de caráter erudito: “Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado” (ROSA, 1988, p. 16).

Também há o procedimento de duas escritas diferentes. A primeira é a escrita padrão, ou seja, uma escrita que se assemelha ao padrão da gramática normativa e dos dicionários: “Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.” (idem, p. 13). Já a segunda é marcada menos pelo caráter denotativo e mais pela intenção de expor o significante no seu nível formal. Por exemplo, em “- o oh-homem-oh – “(ibidem), há o artifício que incorpora a interjeição no nome, aludindo também à inversão visual (oh-ho), além de caracterizar um realismo nominal³, no qual o homem-jagunço é tão grande em seu poder que há a necessidade de aumentar também o nome que diz sobre ele. Já em “O medo O.O medo me miava.” (idem, p. 14), também há o realismo nominal da palavra medo, na qual se aumenta o nome com o intuito de demonstrar o quão grande era o medo, além do caráter visual posto nos dois “o” maiúsculos com intermédio do ponto final, indicando dois olhos bem abertos, por causa do medo “O.O”. Já no jogo linguístico “com um pingo no i “(ibidem), a letra “i”, que é elemento auxiliar, assume o centro da expressão, além de remeter ao tiro da bala de um revólver, ainda, tais recursos continuam em “és-não-és” (ibidem), pois há um jogo que faz referência ao paradoxo ser e não ser; E, finalmente, em “mumumudos” (idem, p. 15), há uma tripla repetição do “mu”, referindo-se ao número três, três compadres mudos.

Culler explica teoricamente esse processo: “em literatura há relações – de reforço ou contraste e dissonância – entre as estruturas de diferentes níveis linguísticos, entre som e sentido, entre organização gramatical e padrões temáticos” (CULLER, 1999, p. 36). O escritor trabalha com a linguagem de tal maneira que tende a aumentar a potência dos signos. Os exemplos já expostos são de caráter mais próximo da forma, dos significantes. A polissemia, por sua vez, trabalha no plano do significado, é uma propriedade que surge da tensão entre a forma e o conteúdo. Mas, nesse caso, é mais próxima do conteúdo, da significação. Com a polissemia, o significante mantém-se e os significados multiplicam-se.

De acordo com Culler, a leitura literária “convida um certo tipo de atenção, exige reflexão. [...] a relação entre forma e conteúdo fornece material necessário

³ De acordo com o glossário on-line *CEALE* (2022), realismo nominal é “uma forma de conceber as palavras que não as considera como designações arbitrárias, independentes do tamanho, da aparência ou da utilidade dos objetos, seres ou estados que designam”. (REALISMO NOMINAL. In GLOSSÁRIO *CEALE*. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/realismo-nominal>>. Acesso em: 11 dez.2022.)

para reflexão” (CULLER, 1999, p. 31) e explora incertezas. No conto, o narrador-personagem atribui diferentes significados para o significante “famigerado”, explorando o caráter polisêmico da palavra. É uma escolha consciente, já que possui intenção de dificultar a interpretação imediata daquele que perguntou: o jagunço Damázio.

O uso da polissemia é um procedimento capaz de interferir na interpretação. Tal procedimento visa fazer com que a linguagem apresente uma nova possibilidade de entendimento acerca do objeto ou dos objetos - que são tudo aquilo que é representado, seja material, seja sentimental. “Se examinarmos as leis gerais da percepção, vemos que uma vez tornadas habituais, as ações tornam-se também automáticas” (CHKLOVSKI, 1914, p. 43). Explorar a polissemia dos significantes é, a partir da pluralidade de significados que eles possuem, expandir os possíveis sentidos do texto e, assim, quebrar o automatismo dessas percepções habituais.

Por meio das palavras escritas por Guimarães Rosa, é possível atentar aos “detalhes” que muitas vezes podem não ser percebidos pelo leitor, como a importância da fisionomia e da entonação do narrador na caracterização de uma outra personagem; e as possibilidades que existem em uma conversação, de modo que o assunto principal pode ser posto dentre assuntos aleatórios, com o intuito de não o tornar óbvio. Talvez, por isso, Damázio tenha falado de assuntos diversos para não ir direto à questão que o levava até à casa do doutor, e para minimizar a importância dela e, já que dependendo do desenvolvimento, é possível que houvesse diferentes sequências de eventuais acontecimentos.

O conto também direciona a atenção para outros elementos já exemplificados, mais relacionado à forma: a diversidade de falares (dialetos), as possibilidades não-convencionais de se trabalhar com os significantes, formando novos e resgatando outros tão arcaicos que também se parecem com novos.

O conto é estruturado a partir de um jogo de palavras que formam uma narrativa: “Foi de incerta feita – o evento” (ROSA, 1988, p. 13). Essa afirmação que inicia a história é capaz de dizer sobre a incerteza do evento. Dúvida essa que também ressalta a incerteza acerca de todos os eventos – histórias.

Será possível dizer tudo sobre um determinado acontecimento? Todos os gestos e pensamentos dos envolvidos? Tudo o que existe anterior ao presente e que ainda interfere nas ações: os rastros (DERRIDA, 2014, pp. 46-47) das histórias passadas? Posto isso, também há de se pensar o meio: a língua, essa que é responsável pela inter-relação entre aquele que escreve e aquele que lê.

A literatura convida o leitor para se atentar às palavras: “As palavras devem ser revisitadas, reexaminadas e exploradas, elas nos ajudam na aproximação do saber que buscamos na medida mesma em que conhecemos seus pressupostos e limites” (PERRONE-MOISÉS, 1984, p. 102). Como já dito, há uma importância e uma complexidade no signo linguístico. Esse que é o elemento responsável por materializar o pensamento do escritor. É elemento estrutural das obras literárias. É a forma. É o vínculo com o mundo. Mas não somente com o que há no mundo, também com o que lhe falta e faz-se necessário: “Os artifícios do escritor revelam,

ao mesmo tempo, o que falta no mundo e aquilo que nele deveria estar” (idem, p. 107).

A partir de Perrone-Moisés (1984), também entendemos que a língua pode ser limitada. Ela não é capaz de abarcar todo o real: toda a pluralidade (BARTHES, 2013, pp. 20-21) de sentidos. A literatura, que é trabalho da língua por meio da língua, apesar de comumente buscar expandir-se, ir além do convencional e dizer o que nunca foi dito, estará sempre contida na escolha dos dizeres. E não é possível dizer tudo: “Escrever um poema é também, pelo tema, magnificar um ou vários aspectos do real, desprezando outros” (PERRONE-MOISÉS, 1984, p. 105). Apesar disso, é por meio das palavras que se alcançam determinadas verdades realçadas pela e na língua.

Dizia Clarice Lispector: “Escrever é modo de quem tem a palavra como isca, a palavra pescando o que não é palavra. Uma vez que pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia, a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a” ((PERRONE-MOISÉS, 1984, p. 107).

Posto isso, o conto de Rosa é estruturado de maneira que todo o texto direcione o leitor para a percepção do mundo da arte literária, na qual a palavra é elemento de alta valia. “Famigerado” é um signo linguístico e esse é capaz de provocar uma desavença entre autoridades – representante do governo, jagunço e doutor. É capaz de fazer uma pessoa andar seis léguas à procura de um significado, porque entender o signo também é entender a relação proposta pelo enunciador no ato da enunciação.

O desfecho da narrativa somente se dá quando o Damázio apreende o significado – parcial - que lhe foi dado: “– ‘Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição...’” (ROSA, 1988, p. 16). Juntamente com o jagunço, o leitor também se encontra em uma situação similar, na qual se cria uma expectativa acerca do entendimento da palavra. O texto ilustra que apreender uma palavra é um exercício que supera uma lógica simples entre significante e significado, como explica Bakhtin “Como conciliar a polissemia da palavra com sua unicidade? [...] Esse problema só pode ser resolvido pela dialética” (BAKHTIN, 1992, p.106).

De acordo com Bakhtin (1992), a palavra é um signo que quando é dito – ou escrito – se encontra dentro de um contexto que caracteriza uma interação entre interlocutores. A compreensão se faz necessária. E esta necessita ser ativa e responsiva. Logo, na enunciação, há de se perceber, além da palavra em si, o acento apreciativo. Esse que envolve uma entonação expressiva, na qual elementos não-verbais do locutor compõem a significação daquele momento imediato. Em outras palavras, uma mesma expressão possui diferentes significações, de acordo com os diferentes processos enunciativos.

Na narrativa roseana, o caráter polissêmico da palavra “famigerado” está presente: “fa·mi·ge·ra·do (latim famigeratus, -a, -um) adjetivo “1. Que criou fama. = CÉLEBRE, FAMOSO 2. [Depreciativo] Que tem má fama. = MAL-

AFAMADO”⁴. E esse caráter polissêmico é apresentado de tal forma que se o significado escolhido pelo doutor fosse relativo à má fama, um “nome de ofensa”, a próxima ação do jagunço teria grande chance de ser outra, provavelmente de tom mais agressivo: “A violência potencial do jagunço é transformada pela manobra verbal do letrado em ‘tese para alto rir’” (WISNIK, 2002, p. 177).

Assim como o narrador trabalha com a linguagem de forma a manobrar a potencial violência do jagunço, o leitor também há de manobrar a linguagem, a literatura: “Instituição” (DERRIDA, 2014, p. 70) na qual a linguagem está em primeiro plano e pode “violentar” quem lê, porque diz tanto. A literatura também diz sobre as relações sociais entre os interlocutores, nas quais os signos são capazes de empreender um novo sentido nas disputas de poder que se estabelecem a cada nova enunciação.

o que é que a obra diz? - uma possível interpretação

Primeiras Estórias, obra escrita por João Guimarães Rosa, publicada no ano de 1962, é composta por 21 “estórias”. O conto que se encontra no ponto médio tem o título de “O espelho”. O teor desse conto, dos 10 que o antecedem e dos 10 que o sucedem, permite que se interprete a obra a partir da ideia de uma reflexão especular (informação verbal).⁵

A primeira “estória”, “As margens da alegria” e a última, “Os cimos”, têm como personagem o Menino que se encontra em margens de transição. “OUTRA ERA A VEZ. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade” (ROSA, 1988, p. 152). Na primeira dessas histórias, narra-se o corte das árvores por tratores, por causa da construção da cidade - possivelmente se trata da construção de Brasília. É a urbanização e modernização do sertão. O cenário das obras anteriores de Guimarães Rosa era um sertão sem cercas, de mata exuberante, na qual as fazendas são os pontos de encontro e o “jaguncismo” é a ordem de poder. Porém, a partir dessas novas narrativas da obra *Primeiras Estórias*, o panorama sofre alterações, seja porque o cenário é uma cidade (ou a construção de uma), seja porque os personagens estão inseridos num contexto sertão-cidade:

Essas estórias, entre outras, são pontuadas muitas vezes, não obstante, por índices de descolamento do sertão-sertão: a cena de Soroco se dá aguardada pelo trem que parte para Barbacena; em “A terceira margem do rio” todos partem, menos o narrador, para longe ou para “uma cidade”; “Pirlimpsiquice” passa-se num colégio interno urbano; “Darandina” na praça pública; “Tarantão” em galopes rumo à cidade com automóveis e soldados; o discurso de “Benfazeja” é solenemente dirigido a cidadãos (WISNIK, 2002, pp. 192-193).

⁴ FAMIGERADO. In: DICIONÁRIO *Priberam* da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/famigerado>>. Acesso em: 11 dez.2022.

⁵ Fala da Profa. Dra. Telma Borges da Silva no curso “Rosa em três tempos”, ministrado na UFVJM em dezembro de 2018.

Dessa forma, no conto “Famigerado”, encontram-se dois personagens distintos, o jagunço Damázio e o médico. Pode-se dizer que o primeiro representa o sertão rural, por meio da força física de um jagunço, marcada, principalmente, pela autoridade que porta armas. Já o segundo é o doutor que estudou na cidade, que carrega consigo um diploma que legitima sua força, que é o saber moderno intelectual. Uma situação de tensão, de uma violência iminente os aproxima, situação na qual “jagunço e doutor portam armas desiguais – num caso ao alcance da mão, mostrativa, falante por si mesma; no outro, manobrada em ponto cego, nas astúcias escorregadias e camufladas do significante” (idem, p. 177).

Fato é que, nessa narrativa, ambos os personagens trabalham artifícios a fim de não perderem a posição de poder perante o outro. Os dois trabalham nas entrelinhas. O jagunço utiliza-se do conhecimento topográfico – “Tudo enxergara, tomando ganho da topografia” (ROSA, 1988, p. 13), dos “compadres” como testemunha, do poder que exerce um cavalo alto, um chapéu na cabeça, ínvios olhos, e o mais importante: o porte de arma. O doutor, por sua vez, manobra a situação inesperada com uma violência cordial, através da potência das palavras, das entonações e, principalmente, da ambivalência da palavra-chave da questão: “a palavra designa ao mesmo tempo, num duplo sentido antitético, o insigne e o mal afamado, o homem notável e o malfeitor, o sujeito digno de respeito e o criminoso” (WISNIK, 2002, p. 178).

Assim como a obra *Primeiras Estórias* é construída de forma a poder ser interpretada a partir de reflexos, “Famigerado” é capaz de designar, ao mesmo tempo, como um espelho, duas imagens - os dois personagens. Do mesmo modo, ao se encontrarem, a ação de um reflete a do outro, pois um possui conhecimento prévio a respeito do outro. O jagunço, quando se apresenta como “Damázio, dos Siqueiras”, já era conhecido pelo narrador. Esse já ouvira suas histórias, no sentido de malfeitor. Damázio conhecia, de longe, para mais de seis léguas, a fama do doutor, um sujeito digno de respeito e confiança, qualidades que não encontrara em nenhuma outra pessoa de maior proximidade, comparando-o apenas com o dicionário, “o legítimo”. Tanto na caracterização do personagem malfeitor, quanto na do personagem benfeitor, tem-se a possibilidade de usar o adjetivo central da história. Isso remete à significação das palavras. “Irreduzível, portanto, na teoria, a um significado unívoco, a palavra contém, na prática, isto é, nas circunstâncias da sua enunciação, um componente explosivo” (idem, p. 182). Ou seja, não é uma linha unidirecional e neutra que une o significante ao(s) seu(s) significado(s), há algo mais, há o contexto em que a palavra foi dita.

De modo que, o adjetivo “famigerado”, tratado no texto de Rosa, circula entre diferentes significações. E, de acordo com cada situação em que for enunciado,

o sentido da palavra é[será] totalmente determinado por seu contexto. Há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma. Ela não se desagrega[-rá] em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir (BAKHTIN, 1992, p. 106).

No primeiro momento, tem-se o “moço do governo” nomeando o jagunço. É possível inferir que essa pessoa seja um policial, visto que este é um cargo que chega no sertão com o processo de modernização. Isso posto, no momento da chegada de um policial, há disputas de poder entre o já estabelecido sistema regional e familiar do “jaguncismo” – “emulação senhorial, ligada ‘à ideia da prestação de serviço, de mandante e mandatário, sendo típica nas situações de luta política, disputa de família ou grupos” (CANDIDO, 1970 *apud* WISNIK, 2002, p. 189), e a nova ordem do poder estatal. Portanto, na enunciação do “moço do governo” tem-se elementos suficientes para interpretar que a significação é da ordem depreciativa: “compreender a significação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN, 1992, pp. 131-132). Tal significação é passível de ser confirmada no comentário feito pelo narrador-personagem: “Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo” (ROSA, 1988, p. 14).

Também há um segundo momento em que tal adjetivo se faz presente, porém de forma mais implícita. Essa situação se dá na enunciação feita pelo Damázio:

- “Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe perguntar a pergunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiu-se-me.

- “Lá e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente [...]” (ROSA, 1988, p. 15).

Nessa enunciação, não aparece a palavra “famigerado”, mas sua significação de forma apreciativa, na qual o jagunço valoriza as qualidades do doutor. Já que, em um raio de seis léguas em relação à “Serra”, para o jagunço, o doutor era a pessoa mais competente⁶ para responder à sua pergunta.

O terceiro e último momento é quando o doutor deve responder sobre a significação última da palavra “famigerado”. Sendo que essa significação envolve tanto a situação primeira, a fala do representante do governo, quanto a situação apresentada no diálogo entre Damázio e o interlocutor. Eis, então o clímax, já que “famigerado contém o nó das palavras indecidíveis que remetem, em geral, ao lugar em que o significante se dobra” (WISNIK, 2002, p. 183). Portanto, o doutor se encontra em uma situação em que não existe uma resposta única, ele poderia dizer sobre o provável sentido enunciado pelo representante do governo, porém, se assim o fizesse, poderia estar colocando a própria vida em risco.

Nesse ponto da narrativa, a esquiva do doutor se apresenta de forma mais explícita. Durante a história narrada, há momentos em que ele conta que procura nas entrelinhas a intenção daquele homem que bate, inesperadamente, à porta da

⁶ De acordo com o Glossário *CEALE* (2022), competência discursiva é “definida como a capacidade do usuário da língua, que produz e compreende textos orais ou escritos, de contextualizar sua interação pela linguagem verbal (ou outras linguagens), adequando o seu produto textual ao contexto de enunciação” (COMPETÊNCIA DISCURSIVA. In: GLOSSÁRIO *CEALE*. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/competencia-discursiva>>. Acesso em: 11 dez.2022).

sua casa. O narrador indaga a si mesmo sobre o perigo de uma situação de intriga: “alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui se famanasse, vindo exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?” (ROSA, 1988, p. 15).

Visto que há esses três momentos, nos quais percebe-se a variação do sentido da palavra-chave, tem-se, ainda de acordo com Bakhtin, a explicação que o sentido é dialógico, haja vista que o processo de compreensão é interativo. A significação acontece dentro de um diálogo, em que ambas as partes: locutor (eu) e locutário (tu) são igualmente importantes: “Eu só pode se realizar no discurso, apoiando-se em nós” (BAKHTIN, 1926 *apud* PIRES, 2002, p. 41). Posto isso, no diálogo, o sentido “é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN, 1992, p. 128). A dialética entre os dois componentes, verbais e não verbais, constitui o discurso e este é ação, enunciação. Logo, é pronunciada em uma situação social imediata em que

o discurso é como o “cenário” de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve “encená-la”, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e, para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes (BAKHTIN, 1926 *apud* PIRES, 2002, p. 40).

Em outras palavras, a compreensão perpassa o discurso que é ato em diálogo, presente em um certo momento. “A situação integra-se ao enunciado como um elemento indispensável à sua constituição semântica” (*idem*, p. 44). De modo que, os signos linguísticos – componentes verbais – são atravessados pela situação imediata, produzindo, assim, um determinado sentido. Não sendo possível que se delimite previamente todo o potencial da palavra. Sobre o adjetivo “famigerado”, Wisnik comenta que

palavras assim, semanticamente oscilantes, deixariam entrever o quanto toda significação é virtualmente equívoca, flutuando e deslizando num eixo de polaridades cujo sinal pode se inverter, a depender do acento que nela se imprima e do recado que a atravesse (WISNIK, 2002, p. 183).

Dito isso, na continuação da história roseana, o doutor se utiliza das potenciais manobras da língua a fim de confrontar o famigerado jagunço. Dessa forma, ele aproveita a polissemia da palavra “famigerado” como artifício. “Famigerado é ‘inóxico’, ‘célebre’, ‘notório’, ‘notável’” (ROSA, 1988, p. 16). Tantas possibilidades de forma/sentido havia na palavra “famigerado” que propositalmente o personagem escolhe a forma menos usual para a situação. Sendo possível que a intenção fosse dificultar o entendimento do jagunço, já que essas

palavras não são usuais e requerem um conhecimento prévio, por isso são conhecidas principalmente por pessoas mais letradas.⁷

Tal artifício foi tão eficaz que o Damázio até disse: “- ‘Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?’” (ibidem). Com seu questionamento, ele explicita a capacidade de algumas palavras, quando enunciadas, aparecerem apenas como significante, sem significado, pois para que o significado lhe seja atribuído, é necessário que tenha sido apreendido previamente. Portanto, o jagunço ainda não tinha a resposta da sua pergunta: “O que é que é ...”, já que essas palavras também não eram de seu uso cotidiano e, por isso, não foram significativas. “O homem queria estrito o carço: o verivérbio” (ibidem), assim disse o narrador-personagem. Dado que o desejo do Damázio não era simplesmente unir outras palavras desconhecidas àquela também não conhecida, o “verivérbio” dito pelo narrador fazia referência à verdade daquela palavra. Além disso, haveria de ser uma verdade capaz de ser entendida pelo jagunço:

Não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida. (BAKHTIN, 1992, p. 95)

Essa situação nos remete ao fato de que o jagunço, apesar de nem saber ao certo qual fora o significante dito, ainda assim reagiu a ele. Posto isso, contar a verdade desse signo seria dizer todas as possíveis significações? Ou a significação de acordo com a entoação expressiva no momento de enunciação do “moço do governo”? Certo é que o narrador não disse nenhuma dessas duas possíveis verdades. Pode-se dizer que ele disse uma meia-verdade – ou meia-mentira – porque, por meio da polissemia da palavra em questão e do uso de palavras não familiares ao jagunço, camuflou o sentido depreciativo de “famigerado”.

Essa esquiva e a manipulação do signo ocorrem porque naquele momento em que um homem armado, famoso por ser matador, encontrava-se em postos de “pedir” orientação, o outro que tinha a força do conhecimento intelectual, manobra a situação a favor do seu próprio benefício: manter-se vivo.

É interessante ressaltar que o jagunço Damázio também parece utilizar as manobras da língua, à sua maneira, quando não foi direto ao assunto principal: o “estrito carço” do significante “famigerado”. Antes de fazer a pergunta, ele conversou sobre outras histórias, “O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São ão, travados assuntos, insequentes, como dificuldade” (ROSA, 1988, p. 15). Isso nos permite afirmar que a língua é uma possível arma para todos que a utilizam, cada qual à sua maneira. Mas aquele que a tem mais

⁷ De acordo com o Glossário *CEALE* (2022), letramento é “o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções” (LETRAMENTO. In: GLOSSÁRIO CEALE. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>>. Acesso em: 12 dez.2022.)

próxima e mais bem compreendida possui vantagens perante um outro que não tem tanto conhecimento acerca dela.

Assim sendo, no conto, a arma do jagunço não precisou sair da algibeira. O doutor a desarmou durante o diálogo, usando como recurso a escolha última da significação através de outras palavras: “-Famigerado? Bem. É: ‘importante’, que merece louvor, respeito...” (idem, p. 16). Os signos foram intencionalmente escolhidos para o entendimento do jagunço, porque são signos ambíguos, mas o sentido depreciativo ficou escondido para o Damázio, tanto é que ele se satisfaz com a resposta. E, logo em seguida, pediu a garantia do já dito: “-Vosmecê agarante, pra paz das mães, mão na Escritura?” (ibidem). A expressão “mão na Escritura” faz referência ao valor que o jagunço parece dar ao conhecimento letrado, podendo ser tanto relacionado ao dicionário – o legítimo, quanto à religião, já que a Bíblia também é conhecida como “Sagrada Escritura”.

O recurso conclusivo do narrador-personagem se dá quando ele traz a situação para mais próximo de si, auto adjetivando-se, colocando-se em primeira pessoa naquela situação: “o que eu queria uma hora destas era ser famigerado” (ibidem). É apropriado observar a peculiaridade dessa fala, porque é possível interpretar que, nessa enunciação, o sentido posto na palavra “famigerado” seja depreciativo, no sentido de malfeitor. Caso fosse o doutor um malfeitor, ele não estaria naquela situação de vulnerabilidade física perante o jagunço. Mas tal proposição permanece inacessível para o outro.

Depois dessa última colocação do doutor, o jagunço se satisfaz por completo a ponto de dizer: “Não há como que as grandezas machas de uma pessoa instruída!” (idem, pp. 16-17). Frase que demonstra o quanto a significação se dá no particular de cada pessoa e reflete o contexto social e ideológico. Para o jagunço, o melhor dos elogios é a “grandeza macha”. E ele enxerga essa grandeza na instrução do doutor. Diante do “jaguncismo”, o doutor é, declaradamente, famigerado.

quem é que é joão guimarães rosa? - uma outra possível interpretação

O autor e sua obra, indefinível dialética. Na relação entre eles, pode-se ser encontrados pontos de confluências, ou afluências, mas sempre haverá algo a mais, algo que escapa até aos olhos mais atentos dos estudiosos. Nesse sentido, a obra, de acordo com Rosa, é o que há de mais importante: “Os livros, em si, é que são importantes. O autor é uma sombra, a serviço de coisas mais altas, que às vezes ele nem entende” (ROSA, 2006, p. 50).

Há de se compreender que uma análise que busque toda uma interpretação a partir da biografia do autor é apenas uma possibilidade de se refletir sobre a obra. Não é a única e também não quer dizer que seja a mais completa. Posto isso, por que, então, estudar a vida de um autor? Uma possível resposta é que no estudo biográfico pode-se descobrir as escolhas, as dificuldades e os sonhos do escritor. Um aspecto importante e interessante de se buscar é a relação do escritor com a língua, conforme Rosa:

Há dois componentes de igual importância na minha relação com a língua. Primeiro: considero a língua como meu elemento metafísico, o que sem dúvida tem suas consequências. Depois,

existem as ilimitadas singularidades filológicas, digamos, de nossas variantes latino-americanas do português e do espanhol, nas quais também existem fundamentalmente muitos processos de origem metafísica, muitas coisas irracionais, muito que não se pode compreender com a razão pura (idem, p. 82).

A partir do destacado como primeiro componente por Rosa, é possível pensar que há uma grande chance de haver elementos metafísicos em suas obras, já que o vínculo dele com a linguagem é visto dessa maneira. Tanto é que em sua obra mais notória e extensa, *Grande Sertão: Veredas*, o traço metafísico perpassa grande parte da narrativa. Por exemplo, no discurso feito pelo narrador-personagem, Riobaldo, “o efeito geral é o de uma pesquisa de sentido, a busca mítica do ‘quem’ do real na proliferação do diverso” (HANSEN, 2000, p. 110).

Tal elemento também se faz presente no conto “Famigerado”. O personagem Damázio dá forma ao conteúdo metafísico por meio da pergunta: “– ‘Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado ... faz-me-gerado ... falmisgeraldo... famílias-gerado...?’” (ROSA, 1988, p. 15). E essa pergunta possui o emblemático questionamento: “O que é que é?”. Além disso, no desdobramento do significante, na procura daquilo que foi dito, no conjunto das palavras “inventadas” por Damázio, há um ponto que as une. O questionamento acerca da família, do nascimento. Uma palavra enunciada foi capaz de colocar o jagunço diante de um dilema acerca da sua própria constituição enquanto sujeito. O físico (significante) é forma capaz de repercutir no metafísico (constituição do ser).

Quanto ao segundo elemento posto por Rosa, vale dizer que os significados são, atualmente, bem convencionados e escritos no dicionário. Mas é preciso lembrar de que alguém escreveu o dicionário e que essa pessoa ouviu o significado por meio de outra e a outra ouviu de uma ainda mais anterior no tempo. Qual é a origem primeira? Existe sempre o inimaginável que perpassa toda a complexidade do signo linguístico.

As obras de João Guimarães Rosa possuem invariavelmente o sertão brasileiro como cenário, especificamente o interior do estado de Minas Gerais, e os moradores desse sertão como personagens. Por esse motivo, o escritor é caracterizado como regionalista. Há um comentário que ele próprio faz acerca de tal assunto: “Veja, sou regionalista porque o pequeno mundo do sertão [...], este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo” (ROSA, 2006, p. 86).

A partir desse comentário, é possível conectar a questão da dialética entre o signo e o significado, enfatizando ainda mais a capacidade interpretativa que a escrita literária carrega. Desse modo, o sertão é capaz de dizer sobre o universo: “A alegoria lança mão da designação de uma coisa pensando-a duplamente: tem um sentido manifesto e um sentido oculto” (HANSEN, 2000, p. 115).

Por meio das imagens criadas pelo autor, transpostas pela escrita, o leitor é capaz de enxergar, no sertão mineiro, questões acerca da metafísica, da filologia, da sociologia e de outras interpretações, de acordo com a carga de conhecimentos práticos e teóricos que possui.

Com esse grande potencial interpretativo e considerando a intenção dessa seção em dizer um pouco mais sobre Guimarães Rosa, é plausível que se faça um

jogo de interpretação dos personagens, do conto “Famigerado”, à luz das características do próprio autor: o doutor e o jagunço.

O autor, enquanto estudioso e artista, aproxima-se do doutor, já que esse mobiliza sentidos do signo para seu benefício. Hansen comenta que, na obra *Grande Sertão: Veredas*, “o sentido é sempre móvel, deslocando-se no discurso” (HANSEN, 2000, p. 85), e que “a escritura de Rosa é um dispositivo cujo regime consiste em transformar e transpor vários usos e as várias imaginações petrificadas do signo, reconvertendo-os na combinatória do texto” (HANSEN, 2000, p. 72).

Também há de se contrapor o autor com o jagunço, já que ambos se movem em busca dos possíveis sentidos dos signos. De acordo com Hansen (2000, p. 118), tem-se o “cratilismo de Rosa: a pesquisa de uma natureza mesma da significação e da palavra como substância anterior à classificação/categorização linguísticas; donde sua constante preocupação com a motivação dos nomes”.

Dessa forma, há características concernentes ao escritor em ambos os personagens do conto, assim como há no conto assuntos emblemáticos que a pessoa João Guimarães Rosa valoriza. Ou seja, questões acerca da metafísica e da singularidade filológica também estão presentes na narrativa.

O estudo aqui feito apresentou, mesmo que brevemente, uma observação linguística, sociológica, metafísica e biográfica do conto roseano. Essa diversidade de análises, que é aparentemente incongruente, possui respaldo no “heteróclito” dito por Hansen (2000), em que o objeto – a escrita de Guimarães Rosa – articula e faz coexistir diferentes formações imaginárias em uma unidade. Por meio dessa diversidade de apontamentos, percebe-se a multiplicidade de conhecimentos mobilizados pela literatura e, nesse caso, pela obra roseana.

referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionisio Oliveira. (org.). *Teoria da Literatura: Formalistas Russos*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976, pp. 39-56.

COMPETÊNCIA DISCURSIVA. In: *GLOSSÁRIO CEALE* (on-line). Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/competencia-discursiva>>. Acesso em: 11 dez.2022.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos; 1. ed. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha Instituição chamada Literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FAMIGERADO. In: *DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa* (on-line). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/famigerado>>. Acesso em: 12 dez.2022.

HANSEN, João Adolfo. *o O: a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.

LETRAMENTO. In: *GLOSSÁRIO CEALE* (on-line). Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>>. Acesso em: 12 dez.2022.

LETRAMENTO LITERÁRIO. In: *GLOSSÁRIO CEALE* (on-line). Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

PERRONE-MOISES, Leyla. A criação do texto literário. In: *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 2006. pp. 100-110.

PIRES, Vera Lucia. *Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin*. ORGANON. v. 16, n. 32-33, pp. 35-48, 2002.

REALISMO NOMINAL. *GLOSSÁRIO CEALE (on-line)*. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/realismo-nominal>>. Acesso em: 11 dez.2022.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. 38ª Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROSA, João Guimarães. *Guimarães Rosa por ele mesmo*. Cadernos de literatura brasileira, ed. especial, n. 20-21, pp. 76-93, dez. 2006. Disponível em:<https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_guimar__es_rosa> Acesso em: 12 dez. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WISNIK, José Miguel. *O Famigerado*. SCRIPTA. v.5, n.10, pp. 177-198, Belo Horizonte, 1º sem. 2002.